

Desenho de humor



Reprodução

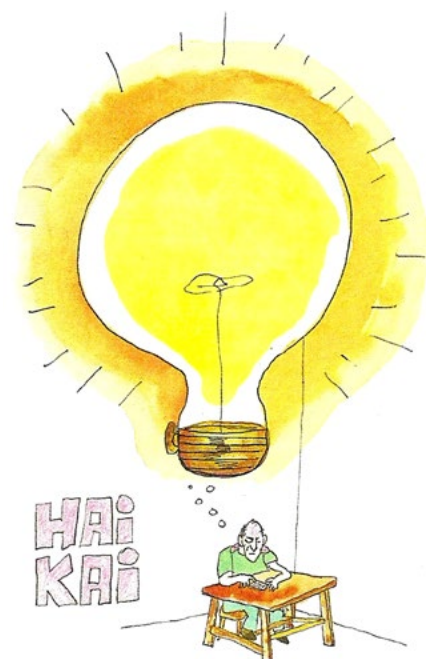
- ✓ **A história, as publicações e referências no humor**
- ✓ **Um debate sobre humor e liberdade de expressão e muito mais!**

“

L.I.V.R.O. Local de Informações Variadas, Reutilizáveis e Ordenadas. É um insuperável conceito de tecnologia de informação. Inseparável do L.I.V.R.O. está o mais simples e prático computador que conheço - o L.A.P.I.S. Numa ponta o Processador de Texto. Enquanto o computador moderno nos permite escolher apenas entre 234 fontes, o L.A.P.I.S. oferece fontes infinitas, pois cada pessoa tem uma fonte, chamada caligrafia. E pra tornar a letra negrita basta a pessoa aumentar a pressão. Tudo muito sensual. Sensualidade inteiramente ausente do computador atual.

Millôr Fernandes (foto acima)

”



Reprodução

Livre pensar, é só pensar

Para falar de desenho de humor, é preciso antes entender uma particularidade sobre esse universo. Desenhistas de humor - sejam eles chargistas, quadrinistas, caricaturistas ou o que for - veem o mundo de uma forma diferente, mais irônica e combativa. Conforme definiu H. L. Mencken:

“Todo artista de alguma dignidade é contra seu próprio país – assim como se pode dizer que aquele país é contra o seu artista. O artista difere de nós porque reage de maneira incomum a fenômenos que nos deixam paralisados ou, no máximo, vagamente aborrecidos. Seu trabalho artístico é uma crítica da vida e, ao mesmo tempo, uma tentativa de escapar dela. É quase impossível encontrar o rastro de um artista que não tenha sido ativamente hostil ao seu ambiente.”

H. L. Mencken, em *O Livro dos Insultos*

Portanto, é nesse ambiente hostil que o desenhista de humor atua, através da crítica social, de costumes, e charge política. Como veremos, esse tipo de intervenção nunca passa despercebida - e algumas vezes até deixa marcas.

Apesar de tudo, a intenção do desenhista de humor é apenas levar a sociedade a fazer um exercício crítico sobre si mesma. E nesse ramo, ninguém atuou em terras brasileiras com tanto brilho quanto Millôr Fernandes (1923 - 2012).

Em vida, ele tinha o apelido de “Guru do Méier”. Aqui nesse fascículo, ele será o fio condutor, que nos fará entender um pouco melhor sobre esse mundo dos humoristas e dos desenhistas de humor.

Sim, neste fascículo queremos que você largue um pouco o celular e desenhe com as mãos, com lápis, com tinta e, principalmente, com a imaginação. E queremos que você desapegue um pouco dos dogmas da sociedade e se permita levar tudo um pouco menos a sério. Topam o desafio?



“ Viver é desenhar sem borracha.
Millôr Fernandes ”

O humor, antes de virar desenho

Antes de chegarmos aos desenhos de humor, é preciso entender o que é humor. De onde vem esse impulso que provoca o riso? O humor já foi analisado por diferentes autores e sob as mais variadas perspectivas. Do ponto de vista da psicanálise, Sigmund Freud definiu o humor como uma forma de liberação de tendências reprimidas do comportamento humano, “uma alegria triunfante e representa a vitória do princípio do prazer”, segundo ele.

Já Aristóteles definiu como “alguma coisa cômica que contenha algum defeito ou fealdade que não seja dolorosa ou destrutiva”. Definições à parte, o humor e o riso sempre nos acompanham através dos tempos e através de suas diversas manifestações socioculturais e correntes de pensamento.

Etimologicamente, a palavra surgiu na medicina humoral dos antigos gregos, que representava qualquer um dos quatro fluidos corporais (ou humores) - sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra. No século XVII, o dramaturgo e poeta renascentista Ben Johnson adaptou o termo para caracterizar o que era considerado extravagante ao nível do ridículo, conceito que se popularizou ao longo dos séculos XVIII e XIX, indicando tudo aquilo que era excêntrico.

De acordo com Fonseca (1999), na literatura, o humor se desenvolveu junto ao aperfeiçoamento da linguagem e à medida que a ordem social se tornava mais complexa. Segundo ele, o humor já se encontrava bem desenvolvido na Grécia antiga, pois sua natureza foi discutida pelos filósofos e todas suas variações, desde o nonsense até o satírico, estão presentes na literatura clássica grega e romana.

Segundo o autor, acredita-se que o grego Pouson tenha sido primeiro “humorista” da história, por “repre-

sentar os homens piores do que são”, nas palavras de Aristóteles, e por parodiar a religião, a filosofia, os costumes e as convenções sociais. Datam também da Grécia Antiga as primeiras comédias notáveis como *As Rãs* e *Lisístratas*, escritas por Aristófanes. Graficamente, porém, tais paródias eram retratadas de forma muito rudimentar em objetos de caráter popular, como a cerâmica, sempre tomando emprestada a linguagem do teatro. Na Roma Antiga, as manifestações apareciam em inscrições nas pedras das edificações e também nos graffiti nas paredes das casas romanas de Herculano e Pompeia.

Mas foi no século XVI que o humor encontrou novas formas de expressão. No teatro inglês, através das comédias de Shakespeare e na pintura, com o italiano Giuseppe Arcimboldo, que criou numa forma de sátira caricatural ao criar rostos a partir de objetos, animais, frutas e vegetais.



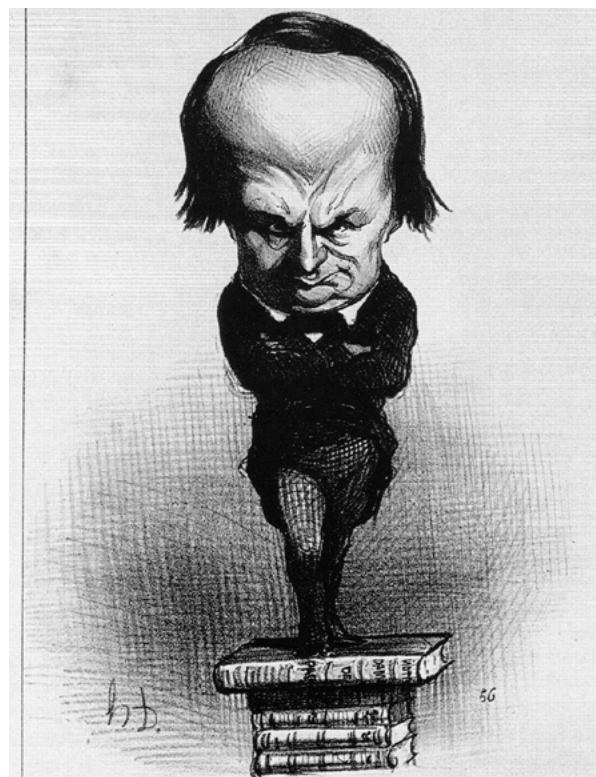
Reprodução

Giuseppe Arcimboldo criava rostos a partir de frutas e vegetais

Entendido o que é humor, podemos compreender que o desenho de humor é uma forma de arte que foge do realismo (ou exagera) para provocar o riso. Do ponto de vista da arte gráfica, até o século XVIII estavam restritas à gravação em madeira ou metal, e artistas ficavam sujeitos à interpretação do técnico gravador. O surgimento da litografia em 1796, através do alemão Alois Senefelder, permitiu aos artistas expressarem sua técnica de forma mais autoral, sem a intermediação do gravador. Fonseca (1999) aponta que a partir de 1850 a gravura “a traço”, com contrastes absolutos entre preto e branco, permitiu maior flexibilidade na gravação, embora obrigassem os artistas a renunciarem os meios-tons.

Foi o advento da litografia que proporcionou que diversos artistas tirassem partido artístico dessa nova técnica. Dentre estes, quem se destaca é o francês Honoré-Victorien Daumier, cujas primeiras litografias datam de 1820, época em que atuava como ilustrador em centros gráficos de Paris. Além de litógrafo especializado, Daumier atuou como chargista e caricaturista para a imprensa, ilustrador para o mercado da publicidade e era um pintor refinado. O extenso repertório, manifesto em várias facetas, tornaram-no um dos artistas mais influentes de seu tempo.

Desenho de humor é uma forma de arte que foge do realismo (ou exagera) para provocar o riso.



Litografia de Vitor Hugo, por Daumier

Publicações de humor

Até o século XVIII, as caricaturas eram distribuídas e colecionadas de forma avulsa ou em forma de álbuns. Após o surgimento da litografia, as artes podiam ser reproduzidas em alta quantidade e baixo custo. Nessa esteira, em 1830, nascia em Paris a revista *La Caricature*, fundada por Charles Philippon, que logo se tornou referência. Três anos depois, Philippon foi preso após a publicação “*As Peras*”, em que retratava a cabeça do rei Louis-Philippe se transformando numa pera. Não ajudou muito o fato de que, na França, o termo “pera” atribuído a pessoas significava “estúpido”.



“As Peras”, de Charles Philippon: uma sátira mordaz ao rei Louis-Philippe

Philipon ainda lançou outras publicações, como *Le Charivari* e *Le Journal Pour Rire*, que sempre levaram as marcas de seu editor: liberdade artística e experimentação levada aos limites. Assim, estava aberto o espaço para os mais talentosos artistas da época, como o já citado Daumier, além de Gavani, Traviés, Doré, Grandville, Monier, entre outros.

Já na Inglaterra, em 1841, Henry Meyhew fundou a revista *Punch*, a mais antiga publicação humorística do mundo, que se dedicou diligentemente ao escárnio da Rainha Vitória. Entre seus colaboradores mais assíduos estavam John Leech, Richard Doyle (pai de Artur Conan Doyle, autor

de Sherlock Holmes), Charles Keene, George Cruikshank, George Du Maurier e John Tenniel, que ficaria famoso pelas ilustrações que criou para *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

Além da realeza, políticos de destaque da época, como Disraeli e Palmerston foram retratados sem retoques e a corrupção era tema constante das publicações. A revista se tornou farol dos principais debates para a nação britânica a partir da segunda metade do século XIX. Cem anos depois ela ainda mantinha o vigor, renovando a caricatura britânica, ao revelar artistas como Gerald Scarfe, Ralph Steadman e Ronald Searle, até fechar as portas em 1992.



Em uma das artes do disco "The Wall", do Pink Floyd, Gerald Scarfe faz uma crítica feroz ao sistema educacional inglês

Outros semanários que usavam a caricatura como arma surgiram ao redor do mundo, e vale citar a alemã *Fliengende Blatter* (nascida em 1844). Mas foi no século XX que as publicações se espalharam ao redor do mundo. Nos Estados Unidos surgia a sofisticada *New Yorker* (1925) e a anárquica *Mad* (1952). Mesmo revistas que não tinham o humor como prato principal, usavam desenhos satíricos para temperar suas pá-

ginas, casos de *Esquire* e *Playboy*.

Foi em meio a essa diversidade que grandes artistas ganharam fama junto ao público-leitor, como Al Hirschfeld, David Levine, Jack Davis e Don Martin. Mesmo a cena alternativa tinha vigor suficiente para revelar ao mundo Robert Crumb, que se especializou em narrativas de quadrinhos cujo alvo preferencial era o conservadorismo americano.

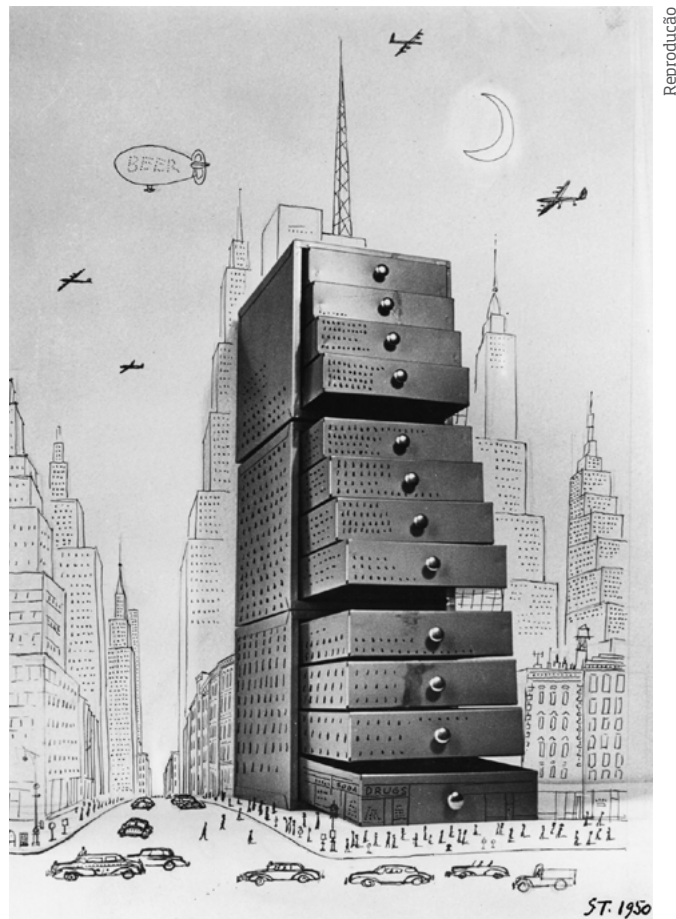
Reprodução

Mas nos Estados Unidos o mais influente foi Saul Steinberg, de origem romena e naturalizado americano em 1943, aos 29 anos. Seus cartuns para a New Yorker, suas exposições ao público e suas coletâneas publicadas revelavam um estilo de paródia universal, que não encontrava barreiras e influenciou artistas no mundo.

No Brasil, as publicações exclusivamente dedicadas ao humor demoraram a chegar por um motivo muito simples: a própria imprensa demorou a chegar por aqui. Apesar de Johannes Gutenberg ter inventado a imprensa antes mesmo do Descobrimento, no Brasil era proibida a circulação de informação por todo o período colonial. Mas, segundo Fonseca (1999), o humor já se manifestava nas festas de carnaval, no bumba-meu-boi, na malhação do Judas e através de bonecos e fantasias que satirizavam pessoas e costumes da época.

O primeiro jornal do país nasceu pouco antes da chegada da corte portuguesa ao Brasil. Fundado em junho de 1808, o Correio Braziliense era um mensário impresso em Londres e remetido clandestinamente ao Brasil. Meses depois, em dezembro, a Gazeta do Rio de Janeiro seria publicada visando atender aos interesses da coroa portuguesa, consistindo de comunicados do governo. Naquele período, o Correio era apenas tolerado, e sempre que defendia ideias liberais e o fim da escravidão, causava desconforto à monarquia e ficava sujeito a toda sorte de sanções e perseguições.

A situação só começou a mudar no período da Regência, quando a imprensa ganha um novo impulso e proliferaram pasquins. Mesmo assim, as publicações exclusivamente dedicadas ao humor demorariam um pouco mais a surgir. A Semana Ilustrada apareceu em 1860, mas a publicação que mudaria a história foi a Revista Ilustrada, criada em 1876 pelo ítalo-brasileiro Angelo Agostini, que se tornou o jornal satírico de maior sucesso do século XIX, retratando os anseios abolicionistas e republicanos da sociedade da época.



Reprodução

Acima: "Drawer Building", de Saul Steinberg (1950)
Abaixo: Ralph Steadman, ícone do Jornalismo Gonzo



Reprodução

Após a Abolição em 1888 e a Proclamação da República em 1889, Agostini precisa deixar o país e a direção da revista, que vai perdendo a força e o impacto, até fechar as portas em 1898. Outras publicações são *O Mosquito*, que nasceu em 1869, *O Mequetrefe* (surgida em 1875 e indo até 1893). Já no século XX, vieram *O Malho* (1902-1952), *Fon Fon* (1907-1958) e *Careta* (1908-1960).



O Pif-Paf, com charge de Fortuna, ironizando os militares

Reprodução

Outra publicação de grande influência foi *O Cruzeiro*, surgida em 1928, editada pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Não era uma revista de humor, propriamente, mas que usava muito do desenho de humor em suas páginas. Foi nas páginas de *O Cruzeiro* que apareciam seções como "O Amigo da Onça" de Péricles e também publicavam Carlos Estevão e Alceu. E foi lá também que lançou Millôr Fernandes na imprensa. Inicialmente ele assinou a seção humorística "Poste Escrito" e a partir da década de 1940 na seção "Pif-Paf", em que ele formava dupla com Péricles.

Após sair de *O Cruzeiro*, em 1964 Millôr resolve transformar a seção em uma nova publicação, chamada *O Pif-Paf*, inaugurando uma nova era da imprensa alternativa de humor e contando com um time que tinha Ziraldo, Jaguar e Claudius, entre outros. Apesar do sucesso, a publicação enfrentou forte censura e foi fechada pelo regime militar após apenas oito edições.



Reprodução

À esquerda, capa histórica do *Jornal da Tarde*

À direita, *O Pasquim*



Reprodução

À esquerda, capa histórica do *Jornal da Tarde*

À direita, *O Pasquim*

A iniciativa, porém, rendeu frutos. Em 1969, surgiu *O Pasquim*, a publicação alternativa que revolucionou a linguagem da imprensa tradicional e pautou os costumes da época. Entre seus colaboradores, além do próprio Millôr, estavam Ziraldo, Fortuna, Jaguar, Henfil, Trimano, entre outros.

Mesmo em jornais "tradicionais" a charge política continuou sendo usada para ilustrar suas manchetes. Um bom retrato disso foi a série histórica "Paulinóquio", publicada no *Jornal da Tarde* entre 1982 e 1983, ironizando Paulo Maluf, então governador de São Paulo. Já o jornal carioca *O Globo* começou a publicar as charges de Chico Caruso em sua capa desde que estreou a coluna ilustrada em 1984, e prossegue assim até hoje.

O desenho de humor no Brasil

Segundo Lago (2001), no Brasil, o desenho de humor pode ter surgido logo após a chegada de D. João VI ao país em 1808, mas a primeira arte litografada só foi registrada quase 30 anos depois, em 1837, numa obra publicada no *Jornal do Comércio* por Manuel Araújo Porto-alegre, que seria uma sátira destinada ao seu inimigo Justiniano José da Rocha.

De acordo com o autor, o desenho de humor possui cinco grandes fases. A primeira delas apresentou ao país Pedro Américo, Fleiuss e Faria e revelou o nome mais importante do gênero no Brasil: Angelo Agostini. Artista de posições libertárias e traço contundente, Agostini foi o precursor do desenho de humor no país e uma das maiores figuras da imprensa brasileira.

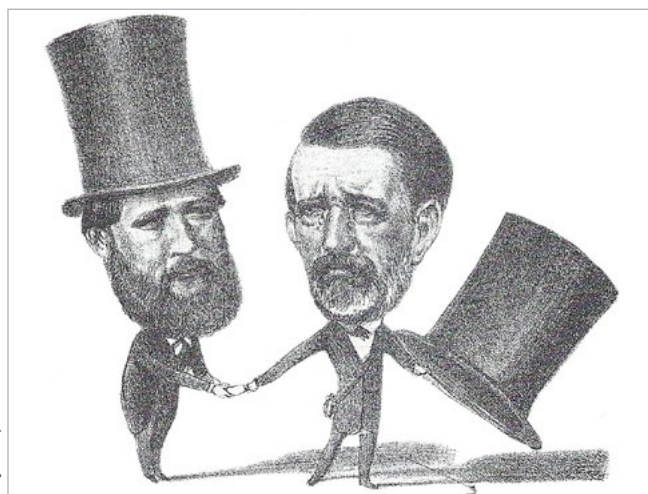


Acima, à esquerda: a primeira charge publicada no Brasil em 1837, por Manuel Araújo Porto-alegre

No meio, à esquerda: Faria critica o ensino religioso

Abaixo, à esquerda: no traço de Fleiuss, Teófilo Otoni se despede de um ministro ao deixar a corte de Minas Gerais

Abaixo, à direita: Revista Ilustrada, de Angelo Agostini, de 1888, celebrando a Abolição

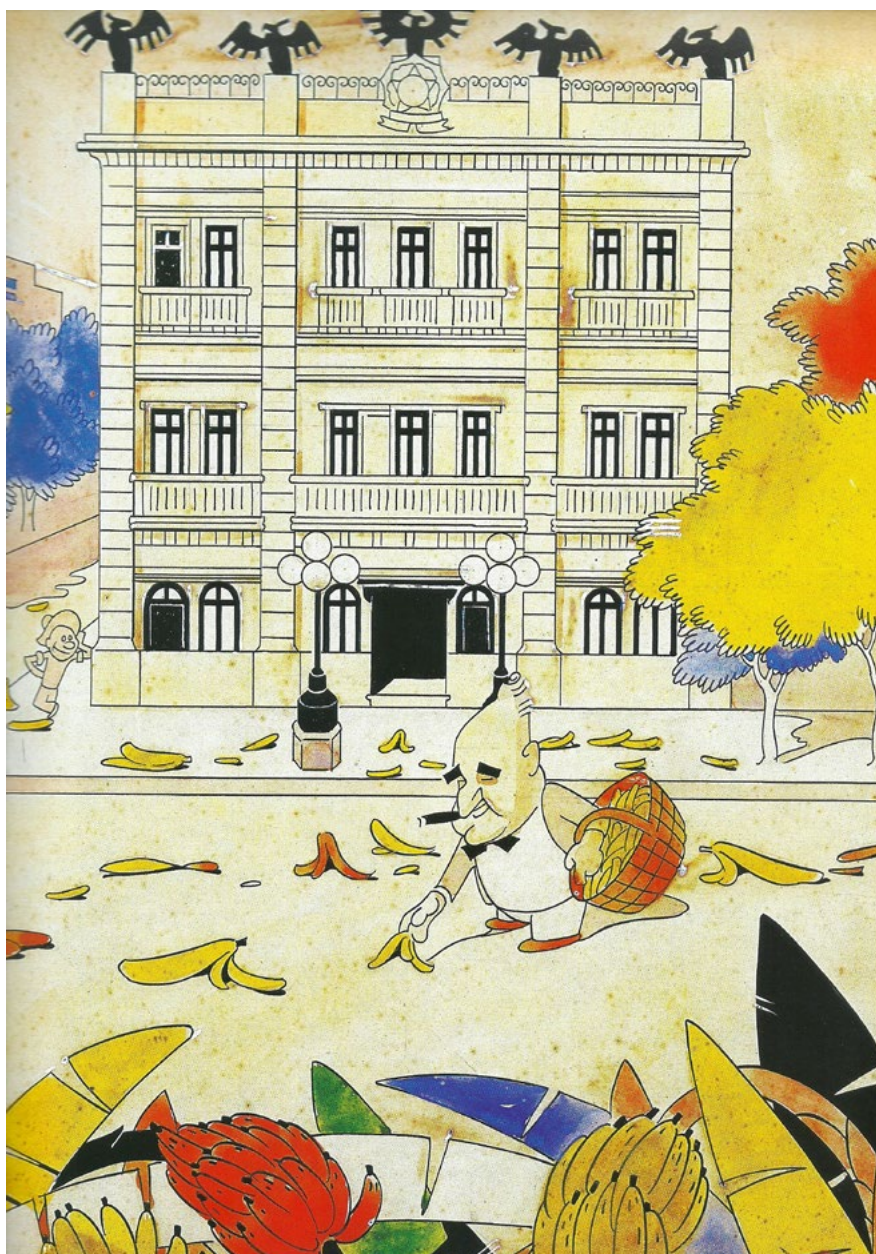


A segunda fase é inaugurada na virada do século XX, que revelou artistas como Julião Machado, K. Lixto, Storni, Seth, Yantok, Raul e J. Carlos, este último um dos mais influentes da história.

Reprodução



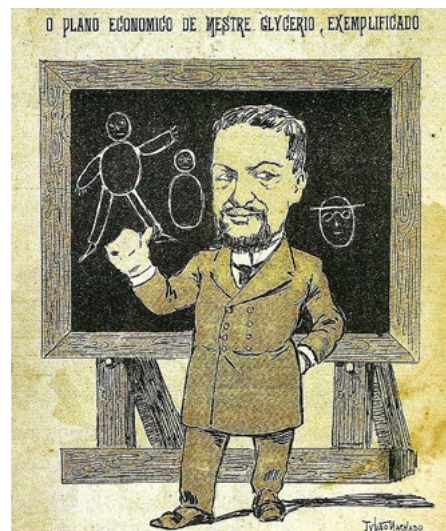
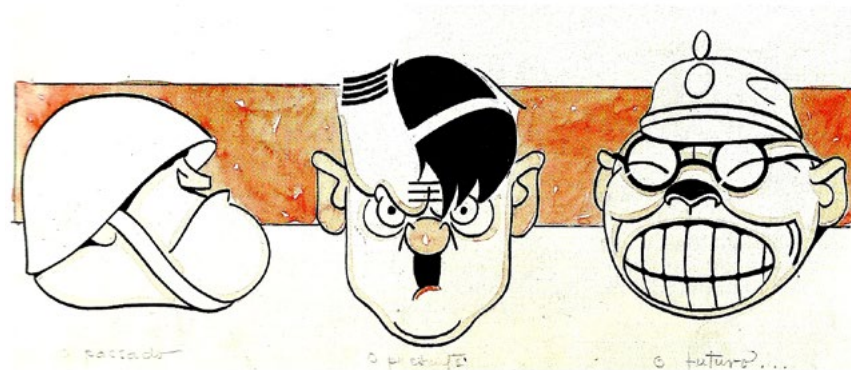
Reprodução



Reprodução

Acima, à esquerda: capa de Careta, por J. Carlos. Acima, à esquerda: K. Lixto retrata Ruy Barbosa na capa de O Malho. Acima, à direita: Getúlio Vargas, por J. Carlos. Abaixo, à esquerda: J. Carlos retrata os três ditadores do Eixo. Abaixo, à direita: Julião Machado ironiza o plano econômico do General Glicério

Reprodução



Reprodução

De acordo com Lago (2001), entre a década de 1920 a 1950 situa-se o terceiro período, tem influência dos pintores modernos da época, como Picasso. O paraguaio Guevara traz um desenho de volumes marcados à moda cubista e é acompanhado por Nássara, Théo, Alvarus, Figueroa e Augusto Rodrigues.

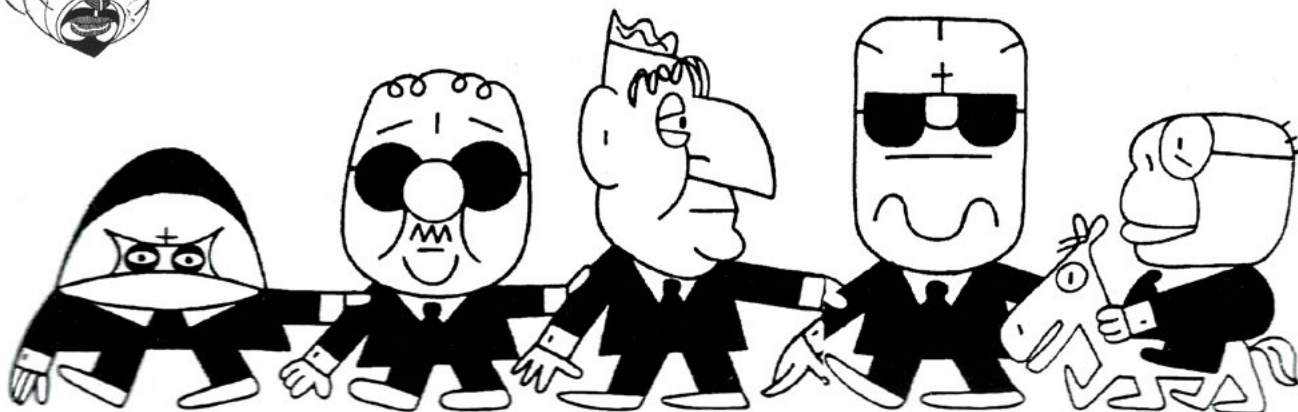
O quarto período, no pós-Guerra, é fortemente influenciado pelas escolas americana (via Saul Steinberg) e francesa (com André François) e, no Brasil, é liderado por Millôr Fernandes, por Lan, Borjalo e pela turma do Pasquim, composta por Jaguar, Fortuna, Ziraldo e Henfil.



Acima: charge de Jaguar. Abaixo, à esquerda: Carlos "O Corvo" Lacerda, retratado por Lan. Abaixo, à direita: Aldir Blanc e Jô Soares, no traço de Ziraldo



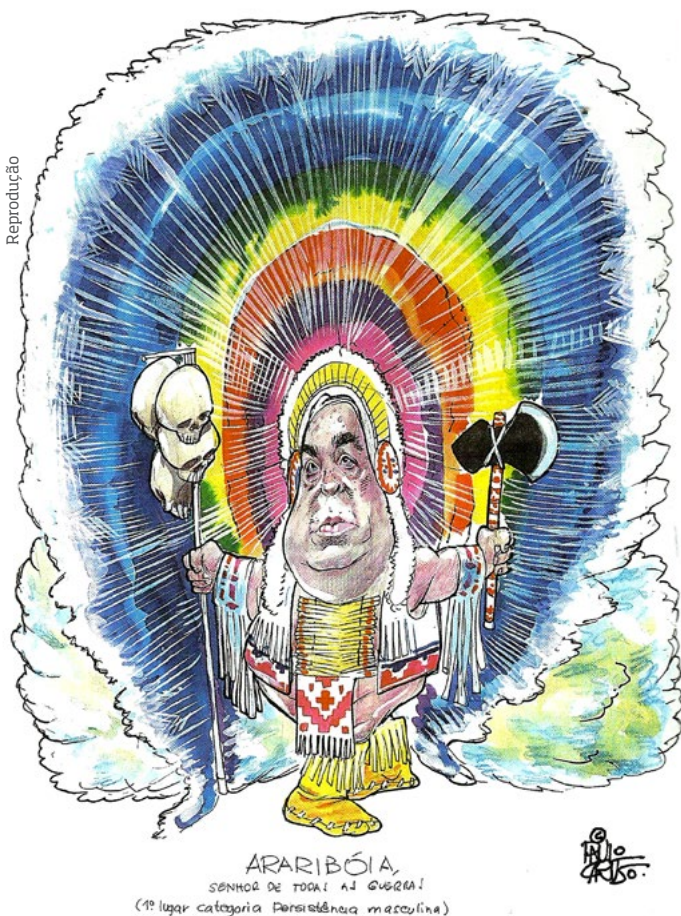
Acima: charge de Guevara sobre Washington Luis. À esquerda: Jânio Quadros, por Nássara. Abaixo, à esquerda: Trotski, de Guevara. Abaixo, à direita: Getúlio, por Théo



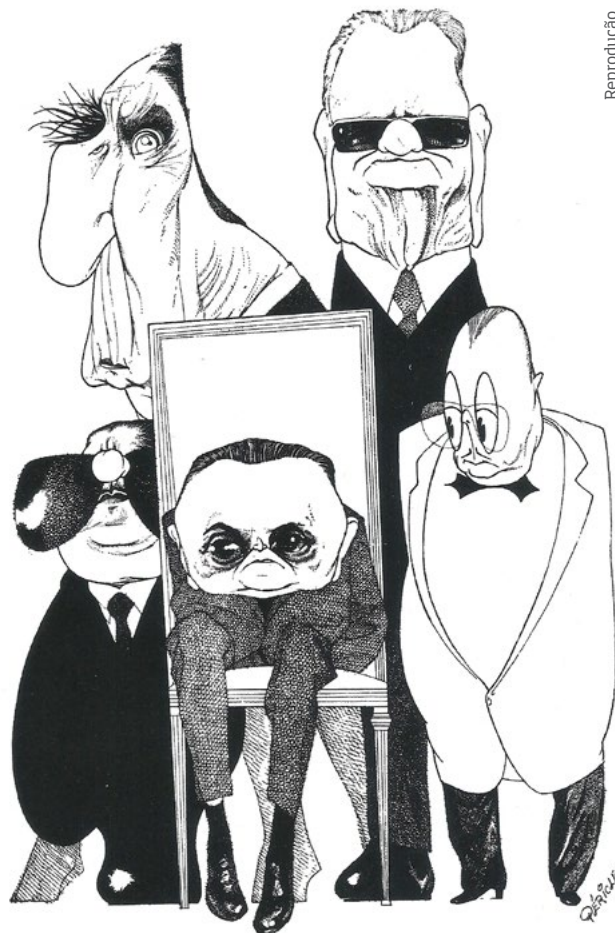
Acima: desenho clássico de Nássara, retratando, pela ordem, todos os presidentes da regime militar

E o último período, segundo Lago (2001) vai dos anos 1970 até o fim do século XX, e tem como fonte os traços sombrios dos ingleses Gerald Scarfe e Ralph Steadman, que aqui nos dá Trimano, Loredano e os irmãos Chico e Paulo Caruso, levando a caricatura e a charge política a um novo patamar de distorção e crítica.

Ainda dentro desse último período, podemos incluir uma vertente paralela, que seguiu mais na direção dos quadrinhos narrativos e da tirinha de humor. Nesse campo, Laerte, Angeli, Glauco, Adão, entre outros, deixaram sua marca.



Reprodução



Reprodução

Acima: todos os presidentes da regime militar, agora no traço de Loredano

À esquerda: Antônio Carlos Magalhães, por Paulo Caruso

À direita: Jânio Quadros no traço de Trimano

Abaixo: quadrinho de Laerte



Reprodução



Reprodução

As diferentes formas de desenho de humor

O desenho de humor possui diversas formas de expressão. Muitos estudiosos mais antigos, como Herman Lima e Joaquim da Fonseca, definem que “caricatura” abrange qualquer forma de humor através do traço, enquanto que a visão mais moderna prega que o termo se aplica melhor ao retrato distorcido em cômico de um personagem. Lago (2001) oferece o relato de Cássio Loredano, grande expoente da caricatura brasileira:

“

Charge e caricatura são a mesma palavra: carga. Mas quando numa redação brasileira se diz charge, em geral se está pensando na sátira gráfica a uma situação política, cultural, estritamente atual. Caricatura é geralmente sinônimo de portrait-charge*. E cartum vale para o comentário satírico de uma situação independente da atualidade.

Cassio Loredano

** retrato carregado, em tradução livre*

”

O mesmo Lago (2001) traz uma perspectiva mais espacial de Chico Caruso:

“

Uma cena em horizonte amplo seria um cartum; centrada numa situação ou em personagens mais definidos seria uma charge; e focada exclusivamente na pessoa, uma caricatura.

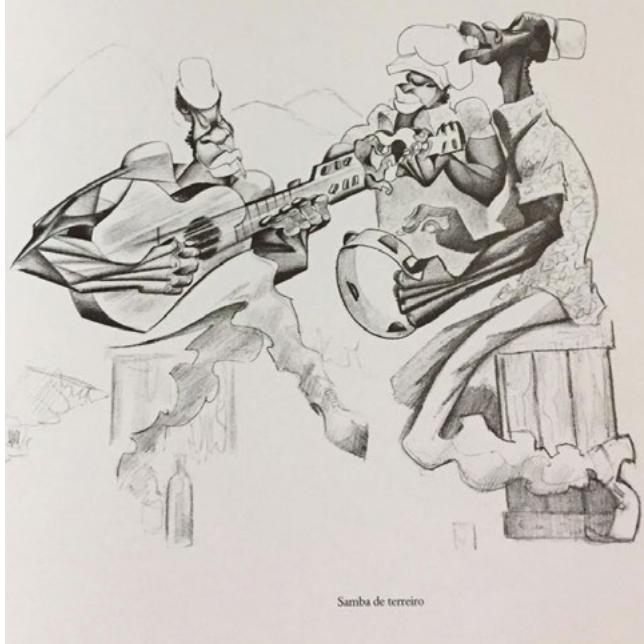
Chico Caruso

”



Portanto, nesse fascículo, seguiremos a visão mais moderna e trataremos toda forma de arte gráfica que envolve sátira simplesmente como “desenho de humor”. A seguir, as definições mais específicas de cada forma de humor gráfico.

Cartum de Lan



Caricatura

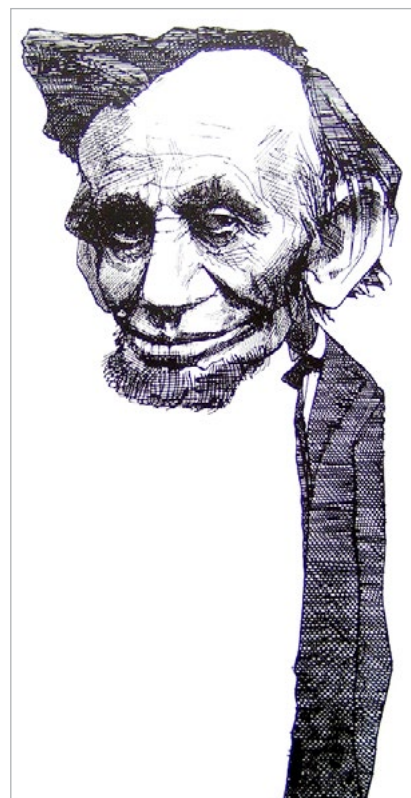
O termo vem do italiano caricare (carregar, no sentido de exagerar) e na definição moderna significa um retrato distorcido, “carregando” suas características mais marcantes e podendo captar aspectos da personalidade da pessoa, como gestual, tiques, sorrisos e expressões que a revelem.



Elvis Presley, por Al Hirschfeld



Tina Turner, por Sebastian Kruger



Abrahan Lincoln, por David Levine

Charge

Charge tem origem no termo francês “charger”, que significa carregar, exagerar de forma burlesca um fato político-cultural da atualidade, que seja de conhecimento público. Dessa forma, a charge de hoje estará “velha” amanhã, se tornando um documento histórico para a posteridade.

As charges costumam fazer parte das páginas de opinião de jornais, também conhecidas como “página 2”. Por ser um comentário político que retrata a visão do autor, a charge é uma espécie de editorial gráfico e costuma ser o pesadelo dos poderosos da vez, que se incomodam com a forma mordaz com que são retratados.



Reprodução



À direita, Chico Caruso retrata Collor em seu período pré-impeachment

À esquerda, Jean Galvão sobre as festas durante a pandemia

Reprodução



À esquerda, Belmonte retrata Stalin desafinando o terceto com Hitler e Mussolini. À direita, a "bolha do fascismo"

Cartum

Em contraponto à charge, o cartum é um desenho de humor universal e atemporal, ou seja, não retrata um fato histórico específico. O termo foi traduzido do inglês "cartoon" (cartão), que tem origem em 1841, quando o príncipe Albert encomendou desenhos para os novos murais de Westminster. Depois de feita seleção do que seria usado, os artistas rejeitados se uniram e fizeram uma mostra de humor em cartão. A revista inglesa *Punch* publicou os cartoons em suas páginas - e assim a palavra nasceu.

No Brasil a palavra foi traduzida pelo cartunista Ziraldo, como conta Rafael Lima (2001):

Aqui no Brasil, o cartoon ganhou jogo de cintura e virou cartum, como narra o pai da criança, Ziraldo: *"no Brasil, a gente tinha que grifar, já que era palavra estrangeira. Ficava uma coisa chata. Então eu fui falar com o Aurélio, contei a ele que tinha criado a palavra e ele disse que ia dicionarizá-la. Logo depois, em 1967, um diretor do Jornal dos Sports que estava querendo fazer grandes mudanças me chamou para fazer um caderno de humor. No título já fui colocando a grafia nova: 'Cartum JS'".* O neologismo apareceu pela primeira vez na revista *Pererê*, de fevereiro de 1964, do mesmo Ziraldo. (LIMA, 2001)



À esquerda, cartum de Ziraldo

À direita, cartum de Millôr Fernandes para o Jornal do Brasil em 1985





Reprodução

"Equilíbrio Ecológico", de Millôr Fernandes (1975)



Tira de humor

A tira de humor é a aplicação da natureza sequencial da linguagem dos quadrinhos ao desenho de humor, que critica valores sociais de forma bem humorada. Esses poucos quadros podem vir emoldurados ou não, mas sempre apresentam uma mininarrativa. Popularmente conhecidas como “tirinhas”, elas costumam aparecer nos cadernos de cultura dos jornais.



Por ser um gênero textual muito popular, a tira de humor tem sido muito usada em sala de aula, por professores que querem trabalhar a interpretação de texto de forma lúdica. As tiras também aparecem muito em questões de vestibular, por trazerem a crítica social.



História em Quadrinhos

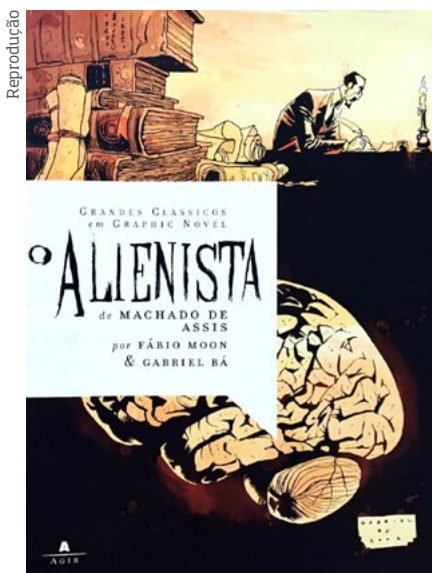
Como definiu Will Eisner, quadrinhos são uma forma de arte sequencial. Ao contrário da tira de humor, que se resolve em poucos quadros, a HQ desenvolve seus personagens e conta uma narrativa mais longa. Numa analogia com o cinema, a tira de humor seria um curta metragem; enquanto que a HQ seria um filme ou série dividida em vários episódios e/ou temporadas.

Conforme observou o catedrático da USP Hudimilson Urbano (apud Ramos, 2011), as Histórias em Quadrinhos eram vistas pelos intelectuais da academia como simples entretenimento, quando não de forma pejorativa. As portas começaram a se abrir nos anos 1970, porém os estudos eram mais voltados às características da linguagem como veículo de comunicação de massa. Nas décadas seguintes o olhar linguístico-textual foi crescendo organicamente.

Com a chegada do século XXI as HQ's passaram a receber adaptações para os quadrinhos de clássicos da literatura como *O Alienista*, de Machado de Assis, *Jubiabá*, de Jorge Amado e *1984*, de George Orwell.



Ao lado, a capa de *Jubiabá*, de Jorge Amado. Abaixo uma das páginas da HQ



O Alienista, de Machado de Assis



1984, de George Orwell

O humor e a liberdade de expressão

Diz o ditado popular que não se discute política, religião e futebol. Bom, os humoristas discordam... e aí as coisas começam a se complicar. Primeiro de tudo, a já surrada discussão “há limites para o humor?” jamais entregou respostas satisfatórias. A única “regra”, se é que podemos chamar assim, é que é o próprio humorista quem impõe limites ao seu trabalho.

Acontece que esse limite autoimposto dificilmente será o mesmo do público, ou de parte dele. Destruir ícones é premissa do humor - e é no

ataque a esses ícones que religiosos sempre se incomodaram com piadas em relação a seus deuses e dogmas; que ideólogos das mais diferentes colorações partidárias rechaçam críticas a seus líderes; e que torcedores de futebol não admitem que seus ídolos e símbolos sejam ironizados.

A lista de controvérsias é longa e a briga dos poderosos contra o humor gráfico vem do século XIX. Além da já citada prisão de Philipon após a publicação “As Peras” em 1833, outro caso conhecido ocorreu quando Daumier publicou a obra “Gargântua” em 1831 (*imagem abaixo*), que ridicularizava o rei Luís Filipe. Preso por seis meses, Daumier gastava seu tempo retratando outros presos. Como definiu o memorialista Herman Lima (apud Fonseca, 1999), “não é a caricatura que torna os homens ridículos. Eles é que são ridículos por si mesmos, e não há força que os livre disso.”

Reprodução



“

Por instinto sempre funcionei pelo mote de meus ancestrais espanhóis: “Hay gobierno, soy contra”. Mas não fiquei nisso. Hoje, se no hay gobierno, também soy contra. Entenda-se como *gobierno* qualquer espécie de mando, começando e terminando pelo intelectual.

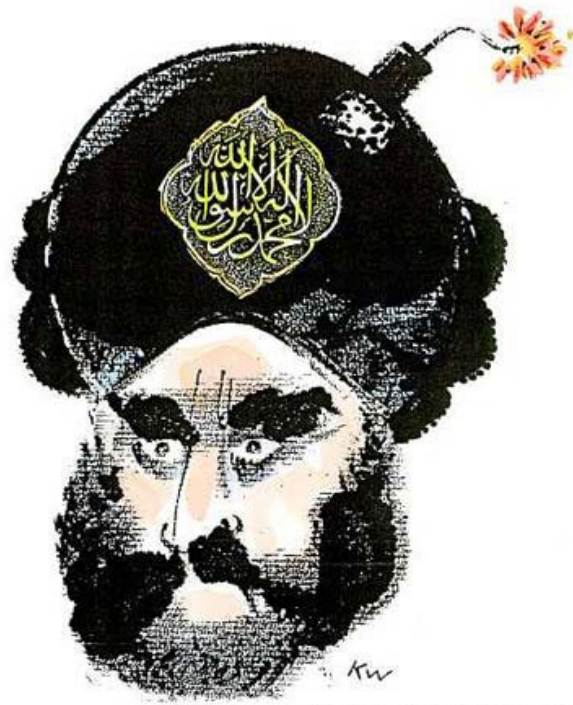
Millôr Fernandes

”





Em 2005, jornal dinamarquês Jyllands-Posten publicou 12 charges que satirizavam Maomé. A reação foi violenta e gerou diversas ameaças ao jornal. Em artigo*, o editor de cultura Flemming Rose, responsável pela publicação do material, rebateu as críticas argumentando que, após uma série de “exemplos perturbadores de autocensura” ocorridos nos meios culturais e na imprensa, decidiu encomendar a membros da associação dos cartunistas dinamarqueses que “desenhassem Maomé como o viam”. Ele prossegue:



Essas são 2 das charges publicadas no jornal dinamarquês Jyllands-Posten que mais causaram reações negativas

“Temos uma tradição de sátira quando lidamos com a família real e outras figuras públicas, e isto se refletiu nas caricaturas. Os cartunistas trataram o Islã como tratam o cristianismo, o budismo, o hinduísmo e outras religiões. E, tratando os muçulmanos da Dinamarca como iguais, eles defenderam uma ideia: nós os incluímos na tradição dinamarquesa de sátira porque vocês são parte de nossa sociedade, e não estranhos. (...) Uma das caricaturas - retratando o profeta com uma bomba no turbante - motivou as críticas mais severas. Segundo vozes indignadas, a charge diz que o profeta é um terrorista ou que todo muçulmano é terrorista. Leio o desenho de outro modo: alguns indivíduos transformaram a religião islâmica em refém cometendo atos terroristas em nome do profeta. São estes que abalam a reputação da religião. (...) O Jyllands-Posten insultou e desrespeitou o Islã? Certamente ele não pretendia. Mas o que significa respeito? Quando visito uma mesquita, mostro meu respeito tirando os sapatos. Sigo os costumes, como faço numa igreja, sinagoga ou outro local sagrado. No entanto, se um fiel exige que eu, como infiel, observe seus tabus no domínio público, não está pedindo meu respeito, e sim minha submissão. E isto é incompatível com uma democracia secular. (...) A lição da Guerra Fria é: se você cede a impulsos totalitários uma vez, novas exigências se seguem. (...) O Jyllands-Posten recebeu 104 ameaças registradas, dez pessoas foram presas, cartunistas foram obrigados a se esconder por causa de ameaças a suas vidas e a sede do jornal foi esvaziada várias vezes graças a ameaças de bomba.”

* artigo publicado originalmente pelo jornal Washington Post e reproduzido no Brasil pelo jornal O Estado de S. Paulo em 11 de fevereiro de 2006

Dez anos depois, em 7 de janeiro de 2015, após anos de charges publicadas e ameaças recebidas, o semanário satírico francês Charlie Hebdo foi invadido por radicais islâmicos, que mataram 12 pessoas, sendo 8 colaboradores, entre editores e cartunistas. Após o massacre, os atiradores saíram gritando: "Vingamos o profeta Maomé. Matamos Charlie Hebdo!"

O caso teve grande repercussão internacional e acirrou ainda mais o debate sobre a liberdade de expressão e de imprensa. Certa vez Millôr disse: "Fiquem tranquilos: nenhum humorista atira para matar". Faltou combinar isso com os mais radicais que, pelo visto, atiram. Fato é que, nos últimos anos, muitos autores e artistas evitam temas religiosos - mais por uma questão de precaução do que por (des)crença.

No Brasil, ocorreu algo similar, mas sem vítimas. Em 24 de dezembro de 2019, a produtora do canal de humor Porta dos

Fundos teve sua sede atacada pela maneira como retratou Jesus no especial de Natal, insinuando que ele teve uma experiência homossexual após passar 40 dias no deserto. A pedido de uma associação religiosa, um desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro determinou que o vídeo fosse retirado do ar, mas a decisão foi derrubada pelo Supremo Tribunal Federal, que entendeu que a retirada do vídeo configurava censura e feria a liberdade de expressão.

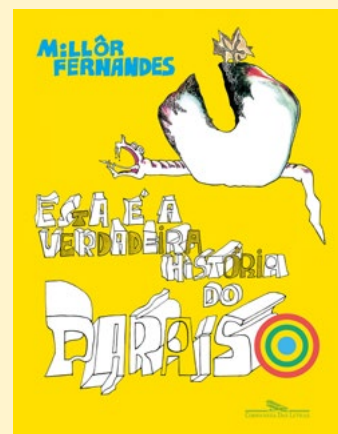


Capas do Charlie Hebdo

HUMOR, UMA ARMA CONTRA A INTOLERÂNCIA

Em 1963, Millôr Fernandes publicou uma série intitulada "A Verdadeira História do Paraíso" na revista *O Cruzeiro* que, naquele tempo, era a maior do Brasil. O olhar bem humorado para a história de Adão e Eva não foi bem recebido nos segmentos religiosos. Em editorial, a revista se eximiu de qualquer culpa e atacou seu autor por debochar da hagiografia cristã. "Confiamos na honestidade intelectual de nosso colaborador. Confiamos e erramos", dizia o texto. Millôr foi demitido e acusado de fazer uma "matéria insultuosa às convicções religiosas do povo brasileiro". A reviravolta do caso aconteceu quando setores da imprensa se colocaram contra sua maior publicação e ofereceram um jantar de desagravo a Millôr. Lá compareceram diretores e presidentes dos maiores veículos de imprensa, além de centenas de artistas, escritores e jornalistas como Paulo Francis, Rubem Braga, Otto Lara Resende, Sérgio Porto, Fernanda Montenegro, entre outros. "Sinto-me como um navio abandonando os ratos", disse Millôr, em seu discurso. Embora a vitória moral já tivesse sido conquistada, ele processou a revista, ganhou e saiu-se com mais um de seus epítetos: "a justiça farda, mas não talha". Na esteira, veio o inevitável declínio da revista, que fechou as portas dez anos depois desse incidente - e trazendo a soldo os *Diários Associados*. Em 1972, *A Verdadeira História do Paraíso* virou livro (capa acima).

O humor, quando usado de forma ferina, mas sofisticada, pode se tornar uma arma.



Em 2010, o escritor britânico Philip Pullman lançou o livro *The Good Man Jesus and the Scoundrel Christ* (*O Bom Jesus e o Cristo Canalha*, em tradução livre) e recebeu muitas críticas pelo título ofensivo. Ele respondeu:

“

Sim, foi algo chocante a se dizer e eu sabia disso. Mas ninguém tem o direito de viver sem se chocar. Ninguém tem o direito de passar a vida sem se sentir ofendido. Ninguém precisa ler esse livro. Ninguém precisa pegá-lo, ninguém precisa abri-lo. Se abrir e ler, não precisa gostar dele. E se você leu e não gostou, você não precisa ficar em silêncio. Você pode escrever para mim, você pode reclamar, pode escrever para a editora, pode escrever para os jornais, pode escrever seu próprio livro. Você pode fazer tudo isso, mas aí seu direito termina. Ninguém tem o direito de impedir que eu escreva esse livro. Ninguém tem o direito de impedir que seja publicado, ou comprado, ou vendido, ou lido.

Philip Pullman, sobre o livro *O Bom Jesus e o Cristo Canalha*

”

Religiosos podem argumentar que Jesus ou Maomé são figuras intocáveis e devem se enquadrar dentro de um limite pré-estabelecido, mas esquecem que nem todas as pessoas seguem suas crenças. Tudo depende do contexto em que esse material é abordado e em que veículo ele é publicado. É claro que esse tipo de manifestação é totalmente inadequada dentro de uma igreja ou num canal de TV religioso, pois são espaços privados. Mas num espaço público, numa universidade, num fórum de internet ou numa rede social, isso é perfeitamente possível, pois são espaços em que a livre manifestação é garantida pela Constituição Federal de 1988.

Mas podemos, sim, imaginar um limite. Há algum sentido em fazer piadas com atrocidades como a escravidão e o Holocausto? Há quem pense que sim, mas o bom senso - esse conceito tão relativizado - nos diz que há situações incompatíveis com o humor. E ainda há quem pense que estigmatizar minorias seja engraçado. Essas pessoas esquecem que a função mais nobre do humor é a de “atirar para cima”, buscando atingir os poderosos, sejam eles quem forem. Caso contrário, como ensinou Millôr, “quem se curva aos poderosos mostra a bunda aos oprimidos”.

Por fim, a única conclusão que podemos tirar disso tudo: é tênue, muito tênue a linha entre a graça e a ofensa.



Reprodução

- Se há alguém com um print que impeça esta união, que o envie agora ou o apague para sempre...



Reprodução

“

O humorismo é a quintessência da seriedade.

Millôr Fernandes

”

A revolução digital e a invasão dos memes

Como é de conhecimento de todos os “cidadãos digitais” do século XXI, a www (World Wide Web) foi criada nos anos 1990 por Tim Berners-Lee, físico britânico, cientista da computação e professor do MIT. Mas a massificação da internet só ocorreu na primeira década deste século, com a popularização do computador pessoal e, mais tarde, com os smartphones.

O acesso a novas ferramentas de busca, como o Google, e a hiperconectividade das redes sociais rebatizou o cidadão, que se tornou “usuário” e/ou “consumidor de conteúdo”. Se antes ele só tinha sua voz ouvida através das cartas enviadas aos jornais, hoje ele se expressa através de seus avatares em perfis virtuais. Primeiro através dos blogs, que se popularizaram nos anos 2000, e mais tarde, com as redes sociais, que explodiram nos anos 2010 - e nessa última década o “meme” tem sido muito usado como ferramenta de comunicação.

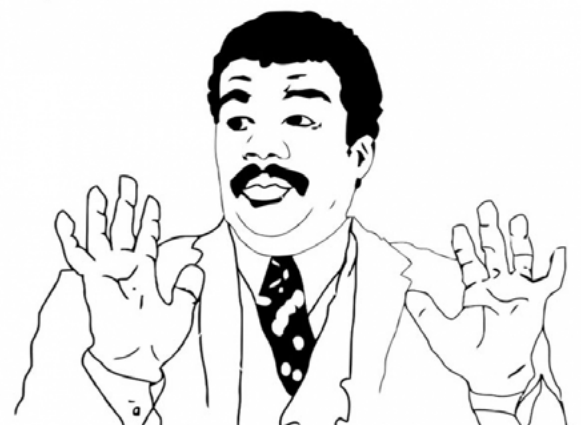
Meme é um termo criado em 1976 pelo biólogo Richard Dawkins no seu bestseller O Gene Egoísta, e é uma unidade de evolução cultural que pode se autopropagar. Memes podem ser ideias ou partes de ideias, podem ser fotos,

sons, vídeos, desenhos, ou qualquer unidade autônoma que possa ser aprendida facilmente e transmitida.

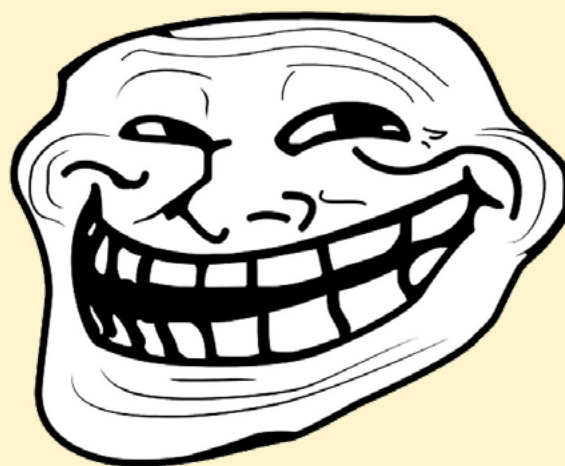
O meme usa a linguagem do humor, mas não necessariamente carrega o conteúdo do humor, ou seja, a crítica social, que explora as fraquezas humanas. E como não exige aptidão artística e tampouco tem a pretensão de propor uma discussão estética, essa unidade de informação pode ser gerada por qualquer pessoa de forma instantânea, sendo que seu resultado se propaga rapidamente e com alto potencial para gerar novas unidades de informação.

Para facilitar essa propagação, sites de “geradores de memes” foram criados, onde os usuários podem escolher imagens e associar um texto a elas, recebendo o resultado final pronto para ser postado. Tais ferramentas permitiram o surgimento de novos atores no cenário humorístico. Não são profissionais do humor, como cartunistas, caricaturistas ou comediantes. São pessoas que operam por fora do segmento artístico e muitas vezes conseguem atomizar seus conteúdos de forma mais eficaz, por saberem captar os sentimentos mais imediatistas da sociedade.

UI, ELES VÃO EXPLICAR O MEME!



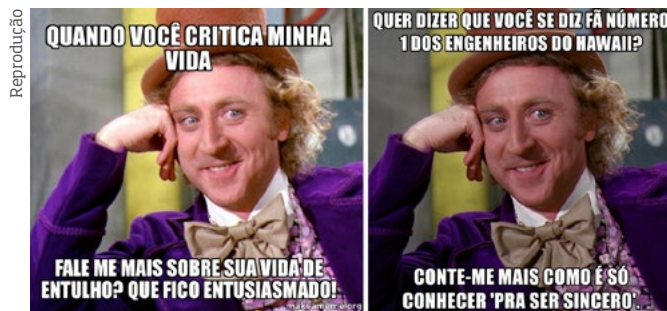
Reprodução



Reprodução

Os memes também trabalham com símbolos próprios e sua própria iconografia. À esquerda, o “Ui” desenho feito a partir de foto do astrofísico Neil deGrasse Tyson em 2011; à direita o “Trollface”, surgido em 2008, personificando a “trollagem”, ato de fazer brincadeiras e irritar outras pessoas

Essa velocidade de propagação foi justamente o que fez do meme uma sensação entre os usuários de redes sociais e, conseqüentemente, ofuscou o trabalho de profissionais do desenho de humor, que não dispõem de meios para acompanhar os acontecimentos em tempo real. O cartunista precisa de um tempo para refletir sobre o tema e produzir a arte que, uma vez publicada, acaba exigindo também do público um tempo para reflexão - tempo que esse público não está disposto a "gastar", sob a justificativa de "não ter tempo para isso". Nesse sentido o meme se ajusta perfeitamente a essa nova ordem, de uma sociedade hiperconectada, pois sua criação não necessita mais do que alguns minutos e sua propagação não exige tempo de reflexão. Segundo Han (2017),



Exemplos de fotos muito reutilizadas em memes

Hoje a comunicação visual se realiza como contágio, ab-reação ou reflexo. Falta-lhe qualquer reflexão estética. Sua estetização é, em última instância, anestésica. Por exemplo, para o julgamento de gostar - I like (eu gosto) - não se faz necessário qualquer consideração mais vagarosa. As imagens preenchidas pelo valor expositivo não demonstram qualquer complexidade; são inequivocamente claras. Falta-lhes qualquer tipo de fragilidade que pudesse desencadear uma reflexão, um reconsiderar, um repensar. A complexidade retarda a velocidade da comunicação, e a hipercomunicação anestésica, para acelerar-se, reduz a complexidade.

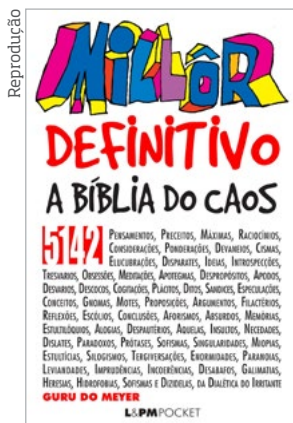
(HAN, 2017)

Em vez de propor uma reflexão, o meme se propõe a encerrar a discussão, com suas "lacradas", "mitadas" e soluções fáceis até para os temas mais complexos. Além de ser uma ferramenta fácil e acessível a todos, traz a proteção do anonimato num cenário em que todos são "humoristas", "cartunistas", "jornalistas" ou simplesmente, "produtores de conteúdo". Keen (2009) afirma que o fenômeno da Web 2.0 e a popularização das ferramentas digitais para as massas "está embaçando as fronteiras entre público e autor, criador e consumidor, especialista e amador".

Tomando emprestada a lição do jornalismo, precisamos ouvir os dois lados. De um lado, o meme é apenas uma ferramenta popular, inclusiva e

democrática que, usada para fins recreativos, serve para divertir, entreter e aproximar as pessoas. Por outro lado, se usada para fins escusos, além de gerar desinformação, pode gerar dissensos, propagar discursos de ódio e, no limite, manipular a opinião pública.

Enfim, não se pode dizer concretamente que o meme acabou com o trabalho dos desenhistas de humor. Tampouco é possível saber se essa ferramenta veio para ficar ou não passa de um modismo da revolução digital. O que podemos afirmar é que o humor jamais vai morrer, vai apenas continuar se transformando e, conforme já ocorreu em outras épocas, os cartunistas precisarão se reinventar mais uma vez.



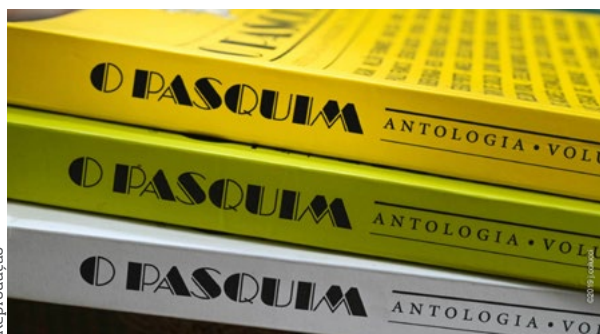
A bíblia do caos - Millôr definitivo de: Millôr Fernandes | Editora: L&PM

Em 5.142 frases, este livro mostra a produção de mais de meio século de Millôr Fernandes. A obra é uma síntese do pensamento de Millôr, trazendo frases que marcaram nossa história recente e traduzindo de maneira genial o que se viu, sonhou, sofreu e vibrou ao longo da vida.



Millôr: Obra Gráfica de: Millôr Fernandes | Editora: IMS

Em 500 desenhos, o livro mapeia os principais temas presentes na produção de Millôr. Os desenhos revelam a força e a complexidade de uma obra fundamental para a arte brasileira. Além de reproduzir originais, o livro traz ainda ensaios críticos e uma cronologia de sua vida.



Antologia - O Pasquim (três volumes) de: vários autores | Editora: Desiderata

O Pasquim foi o maior fenômeno editorial da imprensa brasileira durante o regime militar, não apenas por seu conteúdo combativo, mas também por representar uma renovação na linguagem do jornalismo brasileiro, mais irônica e informal. Os três volumes cobrem o período dos chamados "anos de chumbo" da ditadura, que vão de 1969 a 1974.

ATENÇÃO: Muitos desses e outros livros sobre desenho de humor encontram-se fora de catálogo, mas é possível encontrá-los em sebos (físicos e virtuais) a preços acessíveis.

Conheça o **Portal dos Livreiros**: <https://www.portaldoslivreiros.com.br/>

Vídeos

- Saul Steinberg: <https://www.youtube.com/watch?v=h-1qtAHCPMQ>
- Millôr Fernandes: <https://www.youtube.com/watch?v=eCfLTixvmnU>
- J. Carlos: https://www.youtube.com/watch?v=S8dzC_TWOrE
- Cássio Loredano: <https://www.youtube.com/watch?v=szqRCSS2gEA>
- Philip Pullman: https://www.youtube.com/watch?v=FFp_5n3uRYo

Referências Bibliográficas

A Revista no Brasil. Ed. Abril, São Paulo, 2000.

Caricatura dos tempos - as charges de Belmonte. Blog da BBM, 1 de Fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://blog.bbm.usp.br/2016/caricatura-dos-tempos-as-charges-de-belmonte/>>. Acesso em: 5 de março de 2021.

FERNANDES, Millôr. Millôr Definitivo: a bíblia do caos. Porto Alegre: L&PM, 2007.

FONSECA, Joaquim da. Caricatura: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GUIMARÃES, Arthur. MARTINS, Marco Antônio. Produtora do Porta dos Fundos é alvo de ataque no Rio. TV Globo e G1 Rio. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/24/produtora-do-porta-dos-fundos-e-alvo-de-ataque-no-rio.ghtml>>. Acesso em: 25 de setembro de 2020.

HAN, Byung-Chul. Sociedade da Transparência. Ed. Vozes. Petrópolis-RJ, 2017.

KEEN, Andrew. O Culto do Amador. Ed. Zahar. São Paulo, 2009.

LAGO, Pedro Corrêa do. Caricaturistas Brasileiros: 1836-2001. Editora Capivara, 2a. Edição: 2001.

LIMA, Rafael. Charge, Cartum e Caricatura. Digestivo Cultural, Rio de Janeiro, 23 de outubro 2001. Disponível em: <<https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=212&titulo=Charge, Cartum e Ca->

[ricatura](#)>. Acesso em: 24 de setembro de 2020.

MENCKEN, H. L. O livro dos insultos de H. L. Mencken. Companhia das Letras, 1988.

Pif-Paf de Millôr Fernandes. Instituto Moreira Salles, 4 de dezembro 2014. Disponível em: <<https://ims.com.br/por-dentro-acervos/pif-paf-de-millor-fernandes/>>. Acesso em: 5 de março de 2021.

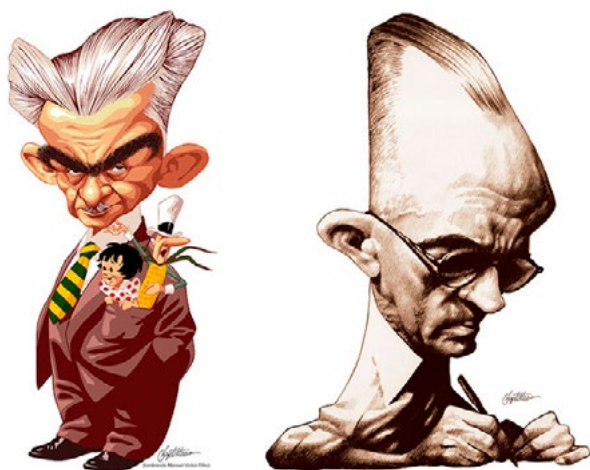
VICTOR, Nathan. Toffoli derruba censura e autoriza exibição de especial do Porta dos Fundos. PODER 360, 11.jan.2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/justica/toffoli-derruba-censura-e-autoriza-exibicao-de-especial-do-porta-dos-fundos/>>. Acesso em: 29 de setembro de 2020.

RAMOS, Paulo. Faces do Humor: Uma aproximação entre piadas e tiras. Zarabatana Books, 2011.

SALLES, Diogo. Millôr Fernandes, o gênio do caos, 17 de fevereiro de 2009. Disponível em: <[https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2736&titulo=Millor Fernandes, o genio do caos](https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2736&titulo=Millor_Fernandes,_o_genio_do_caos)>. Acesso em: 9 de março de 2021.

SALLES, Diogo. Millôr, o cânone do humor. Observatório da Imprensa, 3 de abril de 2012. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/netbanca/ed688-millor-o-canone-do-humor/>>. Acesso em: 9 de março de 2021.

Reprodução



Monteiro Lobato e Graciliano Ramos, por Baptistão

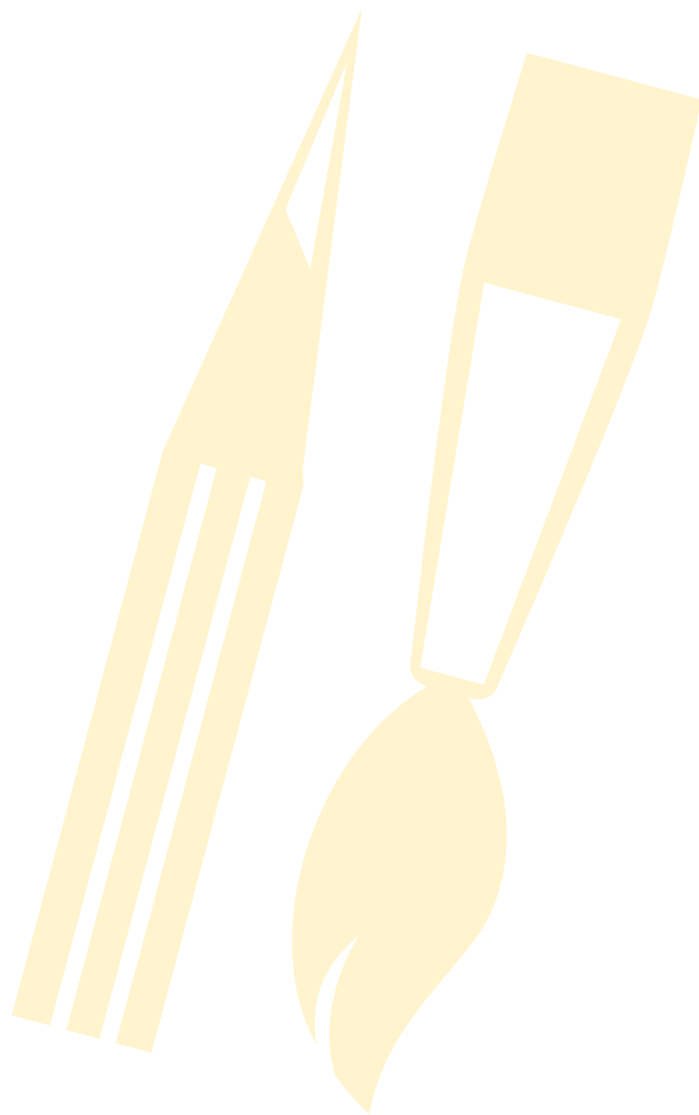


Cartum de Alpiño sobre o ENEM

Reprodução



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto
**BRASIL
SOLIDÁRIO**

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS
www.brasilsolidario.org.br